

OBJETIVIDADE E CIÊNCIAS SOCIAIS: REFLEXÕES A PARTIR DE MAX WEBER

João Alfredo Costa de Campos Melo Júnior¹

Resumo: O interesse deste texto é reflexionar sobre a objetividade do método nas ciências sociais. O aporte teórico é Max Weber. Entre suas preocupações teóricas encontravam-se as organizações metodológicas e teóricas das ciências sociais e históricas. A busca da objetividade metodológica é o respaldo para a articulação do rigor científico que as ciências humanas e sociais tanto buscam. É entorno disto, que estes escritos são construídos.

Palavras Chaves: Max Weber, Objetividade, Ciências Sociais, Métodos, Teoria Social.

Abstract: The concern of this paper is a reflection about objectivity of the method in the social sciences. The theoretical contribution is Max Weber. Between his theoretical concerns is found the methodological and theoretical organization of social e historical sciences. The search for methodological objectivity is the support for the articulation of scientific rigidity that humanities and social sciences both seek. It is around, these writings are built.

Keywords: Max Weber, Objectivity, Social Sciences, Methods, Social Theory.

Uma polêmica epistemológica assombra há tempos o mundo das ciências sociais: é o problema da objetividade. Muito tem-se debatido e escrito a respeito deste instigante e controverso assunto. Afinal, há de fato, objetividade nas ciências sociais? Longe de querer esgotar tal questão ou dirimi-la, este texto busca, tendo Max Weber como norte, discutir de forma preliminar, tecendo algumas notas referentes ao problema da objetividade nas ciências sociais. Para tanto, este trabalho recorrerá como aspecto analítico alguns trabalhos epistemológicos de Weber, onde o papel da objetividade nas ciências sociais é colocado em plano central e tingido em cores vibrantes.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), professor Adjunto III da Universidade Federal de Viçosa – Campus de Rio Paranaíba (UFV-CRP).

Max Weber intelectual polifônico circulava, com segurança, por terrenos intelectuais variados, tornando-os prósperos com seus trabalhos e pesquisas acadêmicas. Em seu solo ontológico prosperavam ideias e conceitos que transformaram as pesquisas em ciências sociais, históricas, econômicas e outras congêneres em referências obrigatórias para cientistas e pesquisadores que militam nestas áreas. O adubo utilizado era a objetividade.

A objetividade metodológica permitiria as ciências sociais uma apreensão concreta da realidade social. Com outras palavras, através dela o pesquisador poderia compreender de modo reflexivo as múltiplas facetas de acontecimentos sociais, culturais, políticos e outros. A utilização da objetividade na pesquisa sociológica fragmentaria a realidade concreta permitindo atinar para aquilo é “essencial no sentido de digno de ser conhecido” (Weber, 2003). No entanto, o próprio Weber alerta que a análise científica objetiva da realidade social não ocorre apartada de perspectivas especiais e parciais oriundas dinamicidade do real. Com suas próprias palavras:

Não existe qualquer análise científica ‘objetividade’ da vida cultural, ou das ‘manifestações sociais’, que seja independente de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita ou implicitamente, consciente e inconsciente, selecionadas, para se tomarem no objeto da investigação, ou analisadas e organizadas relativamente ao exposto. A razão para tal deve-se ao caráter particular do objetivo do conhecimento de qualquer trabalho das ciências sociais, enquanto estas se propõem ir além de um estudo, meramente formal, das normas – legais ou convencionais – da convivência social (Weber, 2003: p. 29).

O caminho da objetividade nas ciências sociais e históricas possibilitaria, segundo o pensador alemão, trazer as pesquisas da área a concretude cotidiana das rápidas e constantes transformações da vida em sociedade. A aproximação com a realidade empírica pela objetividade do método revelaria a percepção dos meandros mais sutis de significação cultural e social.

A ciência social que aqui pretendemos praticar é uma ciência da realidade. Procuramos compreender as peculiaridades da realidade da vida que nos rodeia e na qual nos encontramos situados, para, por um lado, libertarmos as relações e a significação cultural das suas diversas manifestações na sua forma atual, e, por outro, as causas pelas quais, historicamente, se desenvolveu precisamente assim não de qualquer outro modo. (Weber, 2003: p. 29).

O conhecimento reflexivo produzido pelas ciências sociais e pela teoria historiográfica realiza-se através do espírito humano na busca pela fragmentação da realidade que é, por excelência, a preocupação epistêmica das ciências do espírito. É possível acrescentar que a relação de sujeito e objeto é valorativa. Isto é, as ações sociais são reconhecidas como valores que explicam o fundamento coerente das transformações ou permanências sociais.

Nesse passo Max Weber entende que a realidade da vida é ampla, cercada por valores individuais construídos e gestados culturalmente. As ciências sociais e históricas teriam como suporte a análise relacional entre as ciências e os valores concretos mundanos. A gênese atenciosa pelas temáticas pertinentes as ciências sociais e a história, é perceptível na concretude cultural e social cotidiana. É dessa forma, que os interesses empíricos saltam aos olhos dos pesquisadores interessados nas temáticas ligadas à área.

Os pesquisadores deveriam se atentar, de acordo com Weber, para a subjetividade dos fenômenos sociais, que são apreendidos por contornos mentais que podem passar despercebidos por fórmulas mecanicamente empregadas. Em outros termos, haveria variações entre as ciências da natureza e as ciências exatas com as ciências do espírito², as divergências não seriam tão irreconciliáveis. As possibilidades empíricas das ciências do espírito construíam-se em torno de arcabouços mentais organizadas através de regras metodológicas que permitiriam um aproveitamento mais racional da temática e de suas possibilidades. A confirmação, vem do próprio Weber:

No que respeita especialmente a intervenção de motivos 'mentais', esta de modo algum exclui o estabelecimento de regras para uma atuação racional. Mas, sobretudo, sucede que ainda hoje não desapareceu completamente a opinião de que é tarefa da psicologia desempenhar, para as diversas 'ciências do espírito', um papel comparável ao das matemáticas para as ciências da natureza (Weber, 2003: p. 32).

Caberia portanto a psicologia a tarefa de organizar e estruturar, de acordo com Max Weber, os fenômenos sociais e psíquicos da vida cotidiana em suas relações

² Max Weber admite que as variações metodológicas não são tão expressivas e categorias. Elas se encaixam nas manifestações mentais construídas pelo pesquisador em seu campo.

funcionais. Mormente ocorreria, uma “química da vida social nas suas bases psíquicas” (Weber, 2003). Em outra perspectiva a psicologia tenderia a desvendar as atuações do inconsciente classificando-as em seus aspectos mecânico funcionais. Por seu turno, as ciências da cultura ultrapassariam ao largo as possibilidades puramente psíquicas. Transformar-se-iam em atitudes racionalmente interessadas e calculáveis.

Assim, existem valores racionais que estão interligados incondicionalmente na vida cultural, caberá as ciências sociais e históricas retirar as verdades objetivas e valorativas concernentes a empiria. Encontra-se neste quesito o dilema epistêmico para as ciências da cultura: a relação entre valores e as verdades objetivas. A saída propugnada por Weber é a delimitação dos juízos de valores nas ciências sociais através do Tipo Ideal.

O Tipo Ideal é utilizado por Weber como um instrumento de investigação empírica que permite ao pesquisador das ciências sociais e históricas caminhar com tranquilidade pelos fenômenos sociais amplificados cultural e socialmente. Isto revela a real função do Tipo Ideal: seccionar o real, objetivando sua compreensão mais pura³. De outro modo, é a tentativa mental de seleção que o cientista social utiliza como método classificatório da realidade tangível e mensurável. Ao estabelecer tipos ideais Weber conseguiu “retirar do fluxo histórico” o objeto de pesquisa, ampliando-se, portanto, a compreensão empírica do pesquisador das ciências históricas e sociais.

Pensado como um constructo metodológico o tipo ideal é um instrumento de compreensão através do qual o pesquisador utiliza conceitualmente para fins de pesquisa. É a abordagem do real e de seus valores a partir de técnicas orientadoras para o trabalho de pesquisa. Freund (2006) esclarece com mais precisão:

O tipo ideal é um outro momento da seleção que fazem o historiador e o sociólogo, por abordarem necessariamente o real a partir de certos pontos de vista em função da relação com os valores. (2006, p. 49).

É o próprio autor que alerta sobre os limites e possibilidades do método tipo ideal:

Entretanto, esta apenas orienta o trabalho, elimina o que pode ser desprezado; não confere ainda rigor conceitual à questão estudada. Esse é o

³Em Weber é nítido a separação entre os valores e as análises científicas. “Com efeito, uma coisa é tomar uma posição política prática, e outra coisa é analisar cientificamente as estruturas políticas e as doutrinas de partidos” (Weber: 2011, p. 38).

papel do tipo ideal. É ele o modo de construção de conceitos peculiar ao método histórico ou individualizante, cujo objeto sabemos que é o estudo da realidade e dos fenômenos em sua singularidade. (Freund, 2006, p. 49).

A edificação do modelo tipo ideal impetrado por Weber é a elaboração de um canal voltado exclusivamente ao rigor conceitual que busca a objetividade do método nas ciências históricas e sociais. Este método construído por Max Weber objetiva em primeira instância pensar a textura do real a partir de elementos oriundos de processos teórico-metodológicos.

O critério essencial de aplicabilidade desta metodologia é a possibilidade de representação ideal da complexidade histórica. De acordo com Freund (2006):

Em suma, ele consiste em uma representação ideal e conseqüente de uma totalidade histórica singular, obtida por meio de características e originais, para dar uma significação coerente e rigorosa ao que aparece como confuso e caótica em nossa experiência puramente existencial (2006: p.50).

Por representação empírica do real entende-se a empreitada bem sucedida de compreensão e/ou explicação dos processos intelectuais como também dos comportamentos humanos (Ringer, 2004). A proposição weberiana instaura-se como oposição intelectual a determinadas metodologias das ciências sociais e históricas que utilizavam como norte empírico a perspectiva teleológica⁴ de análise das relações humanas, sociais e culturais. A posição de Weber é precisa: a continua afirmação dos métodos interpretativos/compreensivos como forma de interpretação da realidade múltipla.

Partindo do pressuposto que a realidade infinita transcende em abrangência as condições materiais como definiriam correntes epistemológicas marxistas. Portanto para Max Weber, a infinidade das causas sociais e culturais ultrapassam ao largo as questões puramente materiais. Traduzindo; a vida em sociedade manifesta-se de maneira dinâmica e infinita diante dos grupos.

As ciências da cultura, segundo Weber, conseguem capturar as manifestações subjetivas exteriores e interiores a partir de suas relações causais. A análise causal proporcionaria compreender os finos liames articulares da realidade empírica.

⁴A filosofia teleológica é a busca por um fim último e redentor. Em outros termos, é o estudo dos propósitos e objetivos a serem alcançados. Para Weber as especificidades dos objetos oriundos das ciências da cultura não encontrariam de modo algum assento na teleologia. Para o sociólogo alemão, as explicações causais trariam à tona resultados expressivos.

Reproduzi-la na sua plenitude é, para Weber, impossível. Todavia, a possibilidade de ordenamento da realidade social através da objetividade causal torna-se analiticamente plausível. Isto quer dizer: a utilização do método revela o veio ontológico de valor das ações sociais.

O recorte do objeto pesquisado através do método, permite uma leitura um pouco mais precisa dos significados oriundos das ações humanas. A dificuldade encontraria ressonância na subjetividade simbólica dos atos praticados em sociedade. Segundo Max Weber, ao direcionar sua seleção empírica o pesquisador coloca naturalmente sua própria carga subjetiva⁵. Ringer comenta:

[...] Segundo Weber, a 'objetividade' nas ciências culturais e sociais só é atingível na forma de observações empíricas bem-fundamentadas e de suposições causais com respeito a alguns aspectos da realidade cultural, excluindo-se as motivações subjetivas que de início favorecem determinadas linhas de pesquisa. (Ringer, 2004, p. 57).

A pluralidade de situações advindas das relações sociais e culturais empreendidas pelos agentes executores faz com que o objeto pesquisado adquira contornos muitas vezes tênues e fugazes, que podem gerar interpretações equivocadas e entendimentos distorcidos, prejudicando substancialmente seus resultados. A saída encontrada por Weber é a utilização da interpretação racional, conduzindo a pesquisa por mares reflexivos e científicos.

A racionalização científica permite ao pesquisador em ciências sociais e históricas estabelecer parâmetros empíricos que capturam as significações sociais de modo objetivo. Isto é, a compreensão amplificada das atividades humanas. Tem-se aí a sociologia compreensiva. É através dela que Weber procura entender as ações e os estímulos que levam os indivíduos a agirem de determinadas formas em sociedade. A sociologia compreensiva lê as mudanças ocorridas em sociedade tendo como força catalizadora os homens e suas ações, que são as legítimas organizadoras das mudanças sociais. Para Weber, portanto, os homens e suas ações são os construtores das mudanças e transformações.

⁵Ao evidenciar sua subjetividade os homens, dão significados próprios ao mundo em contexto amplo e multiforme.

O objeto por excelências das ciências sociais e históricas é fluido, diverso e mutável. Frente a esta realidade empírica a sociologia compreensiva do tipo ideal possibilita a objetividade do método. É pelo método tipo ideal que organiza, para Weber, a possibilidade objetiva⁶.

A objetividade nas ciências históricas e sociais, que é oriunda do método, serve como camada protetora contra os juízos de valor, que no entendimento de Max Weber, retiram da pesquisa sua possibilidade de cientificidade. *O pensador alemão é bastante* rigoroso com relação a “intromissão” dos juízos de valor na pesquisa. Sua ironia reflete bem:

Porém, o que se depreende desta afirmação? Juízos de valor não deveriam ser extraídos de maneira nenhuma da análise científica, devido ao fato de derivarem, em última instância, de determinados ideais, e por isso terem origens ‘subjetivas’. A práxis e o fim de nossa revista desautorizará sempre semelhante afirmação. A crítica não se detém em face aos juízos de valor. A questão é a seguinte: o que significa e o que se propõe a crítica científica dos ideais e dos juízos de valor? [...] (Weber, 2001.p. 109).

Os efeitos da longa citação são visíveis a olho nu: os valores individuais juntamente com os juízos de valor têm seu espaço garantido e preservado em ambiente puramente especulativo. De outro modo os juízos de valor e os valores individuais inserem-se no âmbito da intimidade, do privado. Portanto não são por excelência os lócus, tão pouco objetos voltados a ciência empírica.

As ciências da cultura, e de maneira geral outras ciências empíricas, constroem-se em bases reflexivas. A necessária reflexão conduz o caminhar do pesquisador levando-o para longe do terreno pantanoso dos juízos de valor. Outrossim Weber argumenta que a característica nevrálgica dos juízos de valor é a completa ausência de requisitos responsáveis pelo conteúdo científico das ideias.

A responsabilidade científica enquanto demarcador de validade é a determinação dos imperativos éticos constituidores dos conteúdos originários do campo de pesquisa. A busca pela validade objetiva é, sem dúvida, o antídoto contra a

⁶Julien Freund (2006) com precisão cirúrgica, coloca que o tipo ideal é o comando central para ocorrência da objetividade no campo empírico. Ele diz: “O tipo ideal comanda, enfim, a teoria da possibilidade objetiva e da causa adequada”.

confusão entre conquista científica e a opinião valorativa⁷. De outro modo, o estabelecimento de uma cortina que, visava separar as posições pessoais das científicas era a garantia da manutenção da diversidade dos pontos de vista, tanto de pesquisadores, quanto, para seus receptores.

O exemplo mais cristalino é sem dúvida a criação do arquivo/revista *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*⁸, onde a neutralidade seria o forte demarcador da existência e utilidade da produção das ciências sociais e históricas. A longa, mas essencial, citação de Weber (2001), é imprescindível para esta amarração:

O que caracterizou a revista foi, e, sem dúvida será, no futuro, no que depender dos editores, conseguir a colaboração do trabalho científico dos oponentes político mais encarniçados que se encontrem ao seu redor. Até este momento, o Arquivo não foi um órgão "socialista", nem será futuramente um órgão "burguês". Ninguém será excluído do círculo de seus colaboradores, se ele continuar no terreno da discussão científica (2001, p. 115).

A centralidade da citação encontra-se no "terreno da discussão científica", como bem enfatizou Weber. É por ela que o caráter constituidor da imparcialidade adquire contornos reguladores da pesquisa. De outro modo, é a superação dos juízos de valor pela validade científica. O pressuposto é que o conhecimento válido serve como organizador do campo empírico das ciências sociais e históricas.

Duas leituras distintas podem ser extraídas na busca pela obtenção do estatuto de validade científica por cientistas sociais e historiadores no exercício de suas funções. Se por um prisma, direciona e sustenta o trabalho do pesquisador. De outro, tornar-se problemática quando circunscrita tão somente à validade objetiva. Em grande medida, pode gerar problemas epistemológicos em razão da grande especialização das disciplinas.

A justificava organizada por Weber parte do pressuposto da constante especialização das disciplinas e conteúdos afeitos as ciências humanas e sociais. As

⁷ Weber é bastante coerente: "A permanente confusão entre a elucidação científica dos fatos e a reflexão valorativa é uma das mais prejudiciais. Contra esta confusão, dirigem-se precisamente as considerações anteriores e, de maneira nenhuma, contra a intromissão dos próprios ideais. A descaracterização e a "objetividade" não têm nada em comum (2001:115).

⁸ Em uma tradução livre: Arquivo para a ciência social e política.

consequências visíveis são as formações de grupos de especialistas que controlam o debate. Em outros termos, os ganhos metodológicos se fazem nesses círculos acadêmicos. Fica entendido, que a origem está na especialização das disciplinas.

Acertadamente Seneda (2008) argumenta que a constante especialização acentua a dificuldade de expansão das conquistas metodológicas fora do ambiente acadêmico; constata ainda que o caminhar pela especialização é inevitável e sem retrocessos, uma vez que os saberes especializados são as bases constituidoras do conhecimento científico.

O próprio Weber, em seus trabalhos acadêmicos, primou por uma sólida base teórica que o auxiliassem na verticalização dos temas pesquisados⁹, particularizando as disciplinas. Para Marcos Seneda (2008):

Este é o traço característico da intervenção weberiana: proceder sempre a partir do âmbito de uma disciplina particular. Weber não quer normatizar as disciplinas particulares a partir da teoria do conhecimento, mas quer pôr em questão sua fundamentação a partir dos problemas específicos que elas encontram no seu campo de investigação [...] (2008, p. 77).

De largada Weber prioriza a metodologia como o princípio regulador do campo empírico. Através da metodologia ocorre a captura das especificidades contidas no objeto estudado. Não obstante, é usada também como demarcador de validade do conhecimento científico produzido, enquanto atividade das ciências teóricas e empíricas.

Assim sendo, a utilização correta da metodologia permite a especialização do olhar do cientista aprimorando sua capacidade de interlocução e a acuidade investigativa dos cientistas. A fundamentação do método é, sem dúvida, para Weber, o pressuposto central para a organização do campo de pesquisa.

Uma questão importante a se considerar, refere-se a autonomia do método. Esta é uma discussão levantada e arregimentada por Max Weber¹⁰. Para ele, o método investigativo gera a especialização dos saberes, propondo domínios teóricos e

⁹ Para Seneda: Weber nunca faz teoria do conhecimento *latu sensu*, mas sempre metateoria *stricto sensu*, ou seja, a partir de problemas de uma ciência particular. (2008, p. 76).

¹⁰ De modo objetivo e acertado, Seneda (2008) argumenta que Weber é um dos primeiros cientistas sociais a buscar teoricamente os graus e efeitos da autonomia do método na montagem/organização do conhecimento científico.

metódicos. Contudo, um alerta é preciso ser feito: Weber ao anunciar os saberes especializados, não criou normatizações referentes a evolução das ciências sociais e históricas, ao contrário. Seu argumento pressupõe que a especialização do método pavimenta e solidifica a objetividade no fazer ciência.

A análise oriunda da investigação científica deve ser reflexiva em relação a energia humana que, para Weber, é o epicentro das atividades da pesquisa em ciências sociais e históricas. Dessa forma, os fenômenos sociais são, por excelência, matéria prima do campo investigativo da ciência do espírito. De toda sorte, a tarefa primaz das ciências humanas é, de forma causal, colocar luz em questões relacionadas a cultura humana.

Bem entendido, a objetividade do método oferece argumentos sólidos em favor da investigação científica amparando-a metodologicamente. Conquanto a metodologia quando utilizada corretamente no campo empírico, alcança como finalidade o reconhecimento e estabelecimento de critérios definidores voltados à comunidade científica.

Cabe ao método ordenar racionalmente os fatos sociais, normatizando-os em especialidades axiológicas, que possibilitarão aos pesquisadores das ciências sociais e históricas conectarem-se com os elementos de validade do conhecimento da ciência. De acordo com Weber (2003):

Ao estabelecer uma distinção de princípio entre juízo de valor e saber empírico, temos pressuposto até agora a existência real de um tipo absolutamente válido de conhecimento – isto é, de uma ordem racionalidade empírica – no campo das ciências sociais [...] (2003: p. 16).

De tal maneira, a abordagem estabelece demarcadores metodológicos que buscam submeter os fenômenos sociais e econômicos ao rigor e a objetividade das ciências sociais. Não obstante o que Weber propõe é a submissão das pluralidades históricas e econômicos à cientificidade oriunda do método. A questão formulada é a tentativa de recuperar, ao menos teoricamente, a dinamicidade das relações sociais que é fluída e perene.

A questão é a historicidade marcadamente exaltada no interior das relações sociais, fato que catalisa as constituições orgânicas das sociedades. As constantes

transformações econômicas, culturais e históricas refletem-se indiscutivelmente no momento da pesquisa, alterando seus resultados.

A dinamicidade do fluxo histórico pode suscitar “problemas” durante a pesquisa científica com relação a utilização de metodologias de acesso ao objeto estudado. Sua aplicabilidade resvala nos componentes históricos da sociedade, refletindo em fenômenos econômicos, sociais e culturais. Revela Weber (2003):

Pelo fato de a nossa ciência, graças à regressão causal, atribuir determinados fenômenos econômicos da civilização a causas individuais – quer sejam de caráter econômico, quer não –, esforça-se por ser um conhecimento histórico. Pelo fato de buscar um elemento específico dos fenômenos culturais – neste caso o elemento econômico – através das mais variadas relações culturais, no intuito de discernir a sua importância cultural, esforça-se por ser uma interpretação histórica sob aspecto específico. Oferece assim uma imagem parcial, à maneira de trabalho preliminar, para o conhecimento histórico completo da civilização (2003: p. 22).

A citação convoca a refletir sobre as relações que se estabelecem durante a pesquisa de campo. Elementos intercambiados de motricidade histórica conectam o objeto à realidade dinâmica, revelando a necessidade do pesquisador em utilizar um arsenal epistemológico que lhe garanta autonomia do conhecimento oriundo das universidades e centros de produção de saber.

Neste quesito caberá ao sociólogo utilizar para fins de campo, métodos históricos com intuito de demarcar as ciências sociais frente a realidade concreta¹¹. Em outros termos, a metodologia histórica serve como aparato para as pesquisas sociais e humanas. Todavia há ressalvas que, segundo Weber necessitam serem percebidas com acuidade. As ressalvas do autor, concentravam-se na ideia de uma representação chapada da realidade através de metodologias meramente descritivas.

De maneira geral, as críticas reverberavam na perspectiva histórica construída de forma puramente factual. A descrição estéril e pouco reflexiva dos acontecimentos históricos dificultaria a inserção metodológica das ciências sociais

¹¹ Atento aos sinais weberianos, Marcos Seneda se refere desta forma aos possíveis problemas do compartilhamento dos métodos históricos e sociológicos: “De que problemas? Como partir dos que são exclusivamente históricos? Weber parte de um dos pressupostos que estaria então definido o que seria o histórico, ou seja, do pressuposto tácito (*die stillschweigende Voraussetzung*) – que atuaria conjuntamente na tentativa de demarcar as ciências sociais (*die Sozialwissenschaften*) ante as ciências naturais (*die Naturwissenschaften*) – de que a história seria uma disciplina (*Di sziplin*) puramente descritiva ou coletora de materiais. É como se o historiador pudesse isentar-se de pressupostos ao ‘descrever’ a realidade”.

frente às ciências da natureza. Seneda (2008) descreve a situação da seguinte maneira:

[...] E esse modo de definir o princípio do trabalho histórico sempre teve dificuldades para demarcar as ciências sociais em face das ciências da natureza [...] (2008: p. 86).

O propósito de Weber foi articular elementos definidores de separação entre os percursos empíricos e teóricos do historiador e do cientista social. Cada qual, traria possibilidades metodológicas apropriadas para determinadas situações encontradas no campo de pesquisa. Novamente Seneda vem em socorro:

[...] Não se trata de indicar um ideal cognitivo, mas de examinar a possível justificação do método está sendo proposto. Que escola histórica proceda com determinado método, não é isso posto em questão, mas há que se examinar, inicialmente, se esse preenche os quesitos lógicos do que era então aceito como cientificamente válido [...] (2008: p. 87).

É por este terreno, de certa forma pantanoso, que Weber movimentava-se sem dificuldades ou atropelos. Seu entendimento preferencial é construído cognitivamente a partir do estabelecimento de relações entre as ciências especializadas. A constante especialização dos campos e saberes originários das ciências do espírito promove linhas e zonas de fronteiras no seu sentido lógico e palatável. Esta é a “relação” estabelecida entre os campos sociológicos e historiográficos.

A construção metodológica acontece em função das especificidades contidas no momento da pesquisa, servindo de referencial para os pesquisadores em função investigativa. Em outras palavras, a investigação exige a utilização de recursos e métodos próprios. Mesmo estabelecendo as distinções Weber não descarta as produções das escolas históricas, promovendo o diálogo, como também, a utilização dos métodos históricos nas pesquisas pertinentes às ciências sociais.

A objetividade do método é para Weber o cerne para o ordenamento dos processos da pesquisa nas ciências sociais e históricas. Tanto em um caso, como em outro, busca-se praticar uma ciência da realidade compreendendo-a em suas particularidades e dimensões. Fato que, dificulta substancialmente a formulação de leis hipotéticas. Portanto, a utilização objetiva do método é a realização concreta de organização e atuação em meio a infinidade de possibilidades e manifestações das relações sociais.

Para além disso, a objetividade do método pavimenta o percurso para que se chegue ao fim proposto, determinando quais os ganhos axiológicos e as consequências ontológicas do pesquisar em ciências sociais e históricas. Portanto o método propicia ao pesquisador a qualidade epistemológica de atuação, descartando suas incongruências e ações não desejadas na consecução das hipóteses norteadoras da pesquisa científica.

Ao estabelecer os conceitos hipotéticos¹² o pesquisador conduz sua pesquisa a partir de operações pré-estabelecidas que confirmariam suas posições diante das dificuldades inerentes ao campo. Na tentativa de condicionar os passos em um local pantanoso, Weber (2003) levanta quatro leis ou conceitos que condicionariam os pesquisadores. De acordo com ele:

Assim, o estabelecimento de tais “leis” e “fatores” (hipotéticos) apenas constituiria, para nós, a primeira de várias operações às quais o conhecimento a que aspiramos nos conduziria. A segunda operação, completamente nova e independente apesar de se basear nessa tarefa preliminar, seria a análise e a exposição ordenada do agrupamento individual de “fatores” historicamente dados e da sua combinação concreta e significativa, dele resultante; mas, acima de tudo, consistiria em tornar inteligível a causa e a natureza desta significação. A terceira operação seria remontar o mais possível no passado, e observar como se desenvolveram as diferentes características individuais dos agrupamentos de importância para o presente, e proporcionar uma explicação histórica a partir destas constelações anteriores, igualmente individuais. Por último, uma possível quarta operação consistiria na avaliação das constelações possíveis do futuro (2003: p. 33).

A importância e a necessidade da utilização do método são reveladas pela passagem acima descrita. Tem-se com seu emprego a organização/sistematização dos postulados das ciências sociais e históricas. Não obstante, a objetividade do método é o sustentáculo do conhecimento nas ciências da cultura. Finalizando com Weber (2003):

Depois destas prolongadas discussões podemos finalmente dedicar-nos à questão que nos interessa sob o ponto de vista metodológico a propósito do estudo da “objetividade” do conhecimento nas ciências da cultura [...] (2003: p. 44).

Ao contrário da citação de Max Weber, este texto não é um estudo finalizado sobre a objetividade do método nas ciências sociais e histórica. É sim, em verdade,

¹² Utilizando a expressão conceitos hipotéticos Weber refere-se ao estabelecimento de leis e fatores “gerados” no campo empírico através da metodologia científica.

apontamentos que buscam contribuir com o debate sobre a objetividade das ciências sociais tendo em Max Weber o ponto de apoio. Não obstante, estes escritos não pretendem cair em um relativismo desmensurado. Não! Pretendeu-se um olhar panorâmico e ao mesmo tempo explicativo de um tema que adquire força e impulsos que se renovam a cada leitura de suas obras.

Referências Bibliográficas

- COHN, Gabriel. *Crítica e resignação. Max Weber e a Teoria Social*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- LEAL, Edilene M de Carvalho. Foucault, Weber e a Modernidade. In: *IX Semana de Filosofia, 2006, Aracaju. IX Semana de Filosofia*. São Cristóvão: Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2006. p. 40-42.
- NIETZSCHE, Friederich. *A filosofia na era trágica dos gregos*. Porto Alegre: L&PM: 2013.
- RINGER, Fritz. *A metodologia de Max Weber. Unificação das Ciências Culturais e Sociais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- ROCHA, Carlos Alberto Vasconcelos. Algumas notas sobre o problema da objetividade nas ciências sociais em Marx, Weber e Thompson. In: *Economia & Gestão*. Belo Horizonte, v.2, n. 3, p.109-119, jan/jun. 2002.
- SENEDA, Marcos César. *Max Weber e o problema da evidência e da validade nas ciências empíricas da ação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- WEBER, Max. *Conceitos sociológicos fundamentais*. Porto: Edições 70: 2005.
- WEBER, Max. *Ensaio sobre a Teoria das Ciências Sociais*. São Paulo: Centauro, 2003.
- WEBER, Max. *Ciência e Política duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 2011.
- Webster Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. 2 v. Cortez: Campinas, 2001.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. 2v. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília: 1999.